

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Analfabetismo funcional no ensino superior:

Um reflexo da deficiência da educação básica

Giovanna Karolina Santos dos Reis

Prof^a Dra Carolina Fuzaro Bercho

Agradecimento

Antes de tudo, meu coração transborda gratidão ao autor e consumidor da minha fé, Jesus Cristo. Foi Ele quem me sustentou nos dias sombrios, quem enxugou minhas lágrimas em silêncio e renovou minhas forças quando eu pensei que não conseguiria continuar. Nada disso seria possível sem a Sua infinita bondade e misericórdia, que me trouxeram até aqui e continuam guiando meus passos.

À minha maravilhosa mãe, meu porto seguro, obrigada por cada conselho, cada ensinamento, cada renúncia e cada madrugada de preocupação. Obrigada por lutar por mim quando eu não tinha forças para lutar sozinha. Em meio ao cansaço, aos dias árduos

e ao descaso que enfrentamos, você foi luz, coragem e amor. Se hoje eu chego até aqui, é porque você nunca deixou minha mão.

Aos meus irmãos, Jefferson e Julya, obrigada por estarem sempre comigo, por me ajudarem quando eu precisei, pela paciência nos meus dias difíceis e por tornarem minha caminhada mais leve. Vocês fizeram parte de cada conquista.

Ao meu amado marido, obrigada por acreditar em mim até quando eu duvidava de mim mesma. Obrigada pela motivação constante, pelos abraços silenciosos que diziam tudo, pela força que você me deu quando eu pensei em desistir.

Aos meus familiares, especialmente ao meu saudoso tio Adilson Jorge da Silva, meu eterno agradecimento. Ele acreditou nos meus sonhos, vibrou pelas minhas conquistas e, se estivesse aqui, tenho certeza de que estaria com os olhos brilhando de orgulho. Levo comigo o amor, o exemplo e a memória dele em cada passo .

Às minhas queridas amigas, com quem compartilhei essa jornada de 4 anos — 1461 dias, 35.064 horas, 2.103.840 minutos e 126.230.400 segundos. Quanta coisa vivemos juntas! Choramos, rimos, enfrentamos dificuldades, nos apoiamos e celebramos cada vitória. Vocês não foram apenas colegas de curso; foram irmãs de caminhada, ombro, companhia e força. Obrigada por fazerem desses anos uma história que jamais esquecerei.

Aos professores que cruzaram meu caminho, minha eterna gratidão. Cada palavra compartilhada, cada ensinamento e cada olhar de incentivo ajudaram a construir a profissional que hoje me torno. Vocês plantaram em mim sementes de criticidade, sensibilidade e coragem.

Um agradecimento especial às professoras Carol Fuzaro e Caroline Souza, meus anjos nesse processo de pesquisa. Obrigada por não desistirem de mim, por me guiarem com carinho, paciência e compreensão. E à querida professora Driele Vasconcelos, obrigada por aceitar compor minha banca e fazer parte deste momento tão especial.

À Fatece Pirassununga, obrigada por ser o cenário dessa história tão intensa, tão desafiadora e tão linda.

Ao Deus que nunca falhou comigo. Obrigada, por cada detalhe preparado, por cada porta aberta, por cada força restaurada. Sei que tudo vem das Tuas mãos, e a Ti dedico esta conquista.

RESUMO

Esta pesquisa analisou o analfabetismo funcional no ensino superior como reflexo das deficiências da educação básica no Brasil. Através das referências bibliográficas vimos que apesar de alfabetizados, muitos estudantes apresentam dificuldades em interpretação, raciocínio crítico e produção textual, comprometendo seu desempenho acadêmico e formação profissional. A pesquisa, de caráter exploratório e qualitativo, contou com ingressantes do curso de Pedagogia na FATECE e utilizou a monitoria acadêmica como instrumento de coleta, com atividades de leitura, interpretação e produção de textos, além de questionários. Os resultados evidenciaram que grande parte dos participantes apresenta fragilidade na organização de trabalhos, síntese de textos, desenvolvimento de ideias argumentativas e compreensão de artigos acadêmicos. Esses dados confirmam lacunas herdadas da educação básica, reforçando que a monitoria acadêmica se configura como estratégia eficaz para aprimorar habilidades de leitura e argumentação, demonstrando a necessidade de práticas universitárias que estimulem o pensamento crítico e promovam formação profissional de qualidade.

Palavras-chave: alfabetização, analfabeto funcional, ensino superior, educação básica.

ABSTRACT

Keywords: This study analyzed functional illiteracy in higher education as a reflection of deficiencies in basic education in Brazil. Despite being literate, many students experience difficulties with interpretation, critical reasoning, and textual production, compromising their academic performance and professional development. The exploratory and qualitative research involved incoming students in the Pedagogy program at FATECE and used academic tutoring as a data collection tool, including reading, interpretation, and text production activities, as well as questionnaires. The results revealed that a large proportion of students exhibit weaknesses in organizing their work, synthesizing texts, developing argumentative ideas, and understanding academic articles. These findings confirm gaps inherited from basic education, reinforcing the idea that academic tutoring is an effective strategy for improving reading and argumentation skills, demonstrating the need for university practices that encourage critical thinking and promote quality professional development.

Introdução

Podemos perceber que o analfabetismo funcional no ensino superior brasileiro é um reflexo das deficiências da educação básica, evidenciando falhas estruturais que comprometem a formação acadêmica e profissional dos estudantes. Embora muitos alunos cheguem às universidades sabendo ler e escrever, grande parte deles não possui habilidades para interpretar textos, compreender conceitos abstratos e desenvolver raciocínios críticos, o que afeta seu desempenho acadêmico e sua participação no mercado de trabalho.

A precariedade da educação básica no Brasil contribui para esse cenário. Segundo o IBGE (2023), apenas 25% dos jovens de 25 a 29 anos concluíram o ensino superior. Entre os brancos, esse número ultrapassa 80%, mas menos da metade dos pretos e pardos chega a esse nível. Os dados revelam um abismo educacional que reflete o racismo estrutural e a exclusão social.

Jessé Souza (2017) afirma: “A desigualdade no Brasil não é acidente. É projeto.” Precisamos considerar que a educação, no Brasil, ainda se configura como um projeto em construção. Isso é evidente desde o século XIX e também no século XX, com a Reforma da Escola Nova — um movimento que buscava uma educação mais centrada no aluno, ativa e democrática. Embora tenhamos avançado com a LDB e a BNCC, e mesmo com o surgimento de novas leis, a educação ainda não se consolidou como um sistema sólido. O que temos, na prática, são diretrizes voltadas para um futuro que ainda não chegou.

Nesse contexto, é pertinente lembrar o alerta de Dermeval Saviani (2009, p.9): “A educação brasileira tem sido marcada por um processo de exclusão, mesmo quando parece incluir.” Essa exclusão se manifesta de diversas formas no cotidiano escolar. O ensino público enfrenta desafios como a falta de infraestrutura adequada, professores mal remunerados e sobrecarregados, além de metodologias pouco eficazes que não estimulam o pensamento crítico e a interpretação textual. Limita-se, assim, a um ensino mecanizado, no qual a alfabetização ocorre de maneira superficial, sem promover o letramento efetivo.

Afinal, quem não é incentivado a refletir, dificilmente se tornará um bom leitor. Nesse sentido, Durkheim (1995) já afirmava que “nem todos estão prontos para refletir”, o que ressalta a importância de um ensino que vá além da memorização mecânica. O resultado desse processo é evidente no ensino superior, onde muitos alunos ingressam sem a capacidade de compreender textos acadêmicos ou participar de debates argumentativos. Essa deficiência se torna ainda mais evidente diante de avaliações que exigem interpretação e análise, revelando a dificuldade dos estudantes em articular ideias, desenvolver argumentos e construir raciocínios coerentes.

Como consequência, há uma alta taxa de evasão universitária, além da formação de profissionais com pouca capacidade crítica e analítica, comprometendo sua atuação no mercado de trabalho.

Freire (1987) critica o modelo tradicional de ensino, que ele denomina de “educação bancária”, no qual os alunos são tratados como meros receptores de

informações, sem participação ativa na construção do conhecimento. Segundo o autor, esse tipo de ensino contribui para a perpetuação do analfabetismo funcional, pois não desenvolve no aluno a capacidade de compreender criticamente a realidade. De forma complementar, Soares (2003) destaca que a alfabetização, por si só, não garante que um indivíduo se torne letrado. Para que isso ocorra, é necessário que a educação vá além do ensino mecânico da leitura e escrita, promovendo o desenvolvimento da interpretação e da capacidade de análise de textos e contextos.

Segundo o Indicador de Analfabetismo Funcional – Inaf (2015), um em cada quatro brasileiros entre 15 e 64 anos é considerado analfabeto funcional, ou seja, não consegue realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ou não é capaz de localizar mais de uma informação em textos de extensão média.

O problema do analfabetismo funcional não se limita ao ambiente acadêmico, mas se espelha em diversas esferas da sociedade. A dificuldade de interpretar textos impacta a vida cotidiana, dificultando a compreensão de documentos, contratos e até mesmo informações básicas disponíveis na internet. Muitos brasileiros encontram barreiras para entender instruções simples, demonstrando como essa deficiência educacional influencia diretamente sua autonomia e capacidade de tomar decisões informadas.

Tendo em vista a problemática sobre o analfabetismo funcional no ensino superior, será um reflexo da educação básica no país?

1. Objetivo

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como o analfabetismo funcional se manifesta no ensino superior brasileiro, refletindo as deficiências da educação básica.

1.1. Objetivos específicos

- Conceituar o analfabetismo funcional e sua relação com o processo educacional durante a educação básica;
- Identificar os impactos do analfabetismo funcional no desempenho acadêmico e profissional dos universitários, evidenciando como essa deficiência compromete sua trajetória acadêmica e futura atuação no mercado de trabalho;

- Sugerir estratégias para as faculdades para a redução do analfabetismo funcional.

Portanto, espera-se que este estudo contribua não apenas para a compreensão do fenômeno do analfabetismo funcional no ensino superior, mas também para auxiliar as universidades no desenvolvimento de estratégias eficazes que possam promover uma educação de melhor qualidade.

Com a adoção de práticas pedagógicas mais inclusivas e que estimulem o pensamento crítico, as instituições de ensino superior poderão desempenhar um papel fundamental na formação de profissionais mais capacitados, reflexivos e preparados para os desafios do mercado de trabalho e da sociedade como um todo.

2. Fundamentação teórica

2.1. Analfabetismo: conceitos

O analfabetismo consiste na conjuntura do indivíduo que não possui habilidades básicas de decodificação de letras e números, expressando, portanto, a inaptidão de ler e escrever.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a taxa de analfabetismo no Brasil foi de 7,0% entre a população com 15 anos ou mais, o que corresponde a aproximadamente 11,4 milhões de pessoas que não conseguem interpretar nem mesmo um bilhete simples.

Como defende Paulo Freire (1996, p. 11-14), a alfabetização vai além da simples decodificação de palavras, constituindo-se como um processo de libertação e consciência crítica sobre o mundo, já que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” .Esta problemática constitui um dos mais relevantes embates sociais enfrentados pelo país, uma vez que compromete o funcionamento pleno da cidadania e delimita o acesso a direitos essenciais como a educação, o trabalho digno e a participação ativa na vida social e política.

A existência do analfabetismo está vinculada a diversos fatores dentre os quais se destacam: a inserção precoce no mercado de trabalho; a carência de instituições

educacionais em zonas rurais e de difícil acesso; a ausência de políticas públicas eficazes; a desigualdade socioeconômica; e a desvalorização da educação em determinados contextos familiares e culturais.

Nesse sentido, combater o analfabetismo é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e participativa. Leda Toffoli (2004) também enfatiza que a alfabetização está diretamente relacionada ao desenvolvimento da autonomia e da identidade do sujeito, sendo um direito essencial à formação humana integral.

Entretanto, mesmo diante dos avanços no combate ao analfabetismo, ainda persiste um desafio igualmente preocupante: o analfabetismo funcional.

2.2. Analfabetismo funcional como um problema

O analfabetismo funcional se diferencia significativamente do analfabetismo absoluto. Enquanto o indivíduo analfabeto não possui aptidão para leitura e escrita, sendo inábil de decodificar letras e números, o analfabeto funcional, por sua vez, consegue reconhecer o alfabeto, identificar números, ler frases simples e escrever de forma básica. Mas se consiste na dificuldade de interpretar texto e realizar operações matemáticas.

A dificuldade em interpretar textos não pode ser menosprezada pois Trata-se de uma problemática complexa e agravante, uma vez que compromete a participação plena do sujeito na sociedade. Um indivíduo que não desenvolve a capacidade de compreensão leitora tende a apresentar obstáculos na comunicação, limitações no exercício da cidadania e fragilidades no convívio social, muitas vezes tornando-se vulnerável à exclusão. Conforme Paulo Freire (2001), a leitura deve ultrapassar a simples decodificação de palavras para incluir a compreensão crítica do contexto social, reconhecendo as relações de poder e as condições em que o texto e o leitor estão inseridos.

Haja vista, que a falta de pensamento crítico é uma das consequências mais visíveis do analfabetismo funcional. A pessoa que não compreende aquilo que lê não consegue

formar opiniões próprias, argumentar com propriedade, raciocinar racionalmente nem dialogar de maneira efetiva. Em contextos democráticos, como o brasileiro, essa limitação representa uma ameaça à participação consciente e ativa na sociedade. segundo (Martins 2008) o analfabetismo funcional impede o cidadão de participar de forma crítica da sociedade, tornando-o vulnerável à manipulação e à exclusão

Cabe refletir: como pode uma pessoa que não se apropriou de competências cognitivas básicas atuar de forma crítica no mundo do trabalho, e exercer sua cidadania de forma plena ou mesmo ocupar funções que exijam autonomia intelectual, como a docência? Essa é a problemática central que este artigo busca evidenciar. De que maneira um indivíduo poderá ser um profissional qualificado, ou ainda um educador eficaz, se ele próprio possui dificuldades de leitura crítica e de compreensão? Se não é capaz de refletir, como poderá estimular o pensamento crítico em seus alunos?

Essa indagação nos conduz, imprescindivelmente, à base de todo o processo educacional: a educação básica.

2.3. A educação básica como a origem

É nesse momento em que se fundam os pilares do desenvolvimento intelectual, social e emocional do indivíduo. Conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), essa etapa deve garantir que o aluno desenvolva competências fundamentais, como leitura, escrita e interpretação textual. Tais exigências são também reiteradas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). No entanto, a realidade educacional brasileira revela um alto índice de analfabetismo funcional, evidenciando que grande parte dos estudantes não atinge plenamente essas habilidades

Nota-se que, nas instituições de ensino, a preocupação ainda se delimita, à mera decodificação de letras e números, resultando em uma leitura parcial e superficial. Como corrobora Freire (1996), não basta alfabetizar no sentido técnico, é necessário promover uma leitura crítica da realidade. Nesse contexto é reflexo de um sistema educacional

fragilizado, com professores frequentemente desmotivados e práticas pedagógicas tradicionalistas, nas quais o aluno deixa de ser o foco do processo de aprendizagem. Como consequência, muitos estudantes são promovidos ano após ano sem dominar as competências básicas da língua portuguesa (Soares, 2004).

Não é plausível formar cidadãos que não aprimoram a capacidade de pensar criticamente, interpretar informações e se comunicar de maneira eficaz. Se faz necessário destacar que “A escola deve assegurar aos estudantes o desenvolvimento da capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2017, p. 8).

A LDB estabelece que a educação deve preparar para o exercício profissional, mas é ilógico esperar que cidadãos que não foram estimulados ao pensamento crítico estejam aptos a atuar no mercado de trabalho de forma qualificada. A insistência dessas competências compromete a formação de indivíduos conscientes e preparados para a vida em sociedade. Uma vez que menciona... “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (Brasil, 1996, Art. 1º, §2º).

Por conseguinte, muitos jovens que visam cursar o ensino superior chegam à universidade com consideráveis defasagens provenientes da educação básica. Tais falhas comprometem o processo de aprendizagem na graduação, pois essa etapa não tem como finalidade principal remediar as bases não consolidadas anteriormente, como a interpretação de textos. Mesmo que os educadores do ensino superior se empenhem em ofertar atividades que estimulem a leitura crítica e a autonomia intelectual, esse esforço nem sempre é suficiente.

O educando teve toda a educação básica para forjar essas aptidões, e acreditar que isso ocorrerá em quatro anos de graduação é um desafio. Não se trata de algo improvável, mas sim de um caminho repleto de obstáculos — obstáculos esses que não deveriam existir caso as falhas tivessem sido reparadas nas etapas iniciais da formação educacional (Freire, 1996; Soares, 2004.)

3. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória, com abordagem qualitativa, uma vez que busca com diligência compreender e analisar a manifestação do analfabetismo funcional entre estudantes ingressantes no curso de Pedagogia. Segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e permitindo a construção de hipóteses ou a identificação de caminhos investigativos.

O público-alvo da pesquisa corresponde aos discentes do primeiro ano do curso de Pedagogia na FATECE – Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação, abrangendo os estudantes matriculados no 1º e 2º períodos. A escolha desse grupo justifica-se pelo interesse em observar a transição entre a educação básica e o ensino superior, momento em que se tornam mais evidentes as lacunas formativas relacionadas à leitura, escrita e interpretação de textos.

Como instrumento de coleta de dados, optou-se pela utilização da monitoria acadêmica, desenvolvida em um projeto institucional já existente na instituição de ensino superior. Tal projeto possibilita que alunos mais experientes elaborem e implementem atividades de caráter formativo junto a colegas em fase inicial do curso, configurando-se, portanto, em um espaço privilegiado de observação e análise pedagógica. Severino (2016) destaca que a escolha dos instrumentos de pesquisa deve estar diretamente vinculada aos objetivos do estudo, permitindo que os dados obtidos contribuam de forma efetiva para a compreensão do objeto investigado.

No contexto da monitoria, foi estruturado um projeto de leitura e interpretação de textos, com a finalidade de identificar e discutir os impactos do analfabetismo funcional no ensino superior, compreendido como reflexo das deficiências acumuladas no processo de escolarização básica. As atividades propostas incluíram a leitura e análise de textos argumentativos, a resolução de questões provenientes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade),

além da produção de textos autorais e de exercícios voltados ao desenvolvimento da argumentação crítica.

Essas ações foram concebidas com o objetivo de promover não apenas o aprimoramento da compreensão leitora, mas também a ampliação da capacidade de análise crítica e o fortalecimento da competência argumentativa, favorecendo o domínio dos diferentes gêneros textuais. Para a análise dos dados, adotar-se-á a comparação entre o desempenho inicial e final dos participantes ao longo do processo da monitoria, possibilitando identificar avanços, estagnações ou retrocessos no desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e produção textual, evidenciando que o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita deve ultrapassar a mera decodificação e estimular o pensamento crítico, a argumentação e a interpretação de diferentes textos

4. Discussão dos resultados obtidos

Para a análise dos resultados, foram aplicados 11 questionários aos ingressantes do curso de Pedagogia, com o objetivo de compreender como o analfabetismo funcional se manifesta no ensino superior e de que maneira impacta a trajetória acadêmica desses estudantes.

A partir da sistematização das perguntas e respostas, os dados foram organizados em três categorias principais: 1. a identificação do analfabetismo funcional e seus conceitos associados; 2. as lacunas decorrentes da educação básica; e 3.a importância da monitoria como estratégia de apoio para minimizar os déficits identificados. Os seis primeiros questionários abordam a caracterização e identificação do analfabetismo funcional, bem como os conceitos relacionados a ele.

No primeiro questionamento, a questão investigou a capacidade dos estudantes de organizar suas ideias ao elaborar um trabalho acadêmico, estruturando-o com início, meio e fim de forma clara. Os resultados indicaram que 25% dos participantes (n=3) afirmaram conseguir realizar essa tarefa satisfatoriamente. Entretanto, a maioria,

correspondente a 75% (n=9), declarou apresentar dificuldades em manter a coerência e a organização na produção textual. Destaca-se ainda que nenhum dos respondentes afirmou não necessitar de ajuda nesse processo, o que demonstra que, mesmo entre aqueles que se consideram aptos, há o reconhecimento da importância do apoio pedagógico para o aprimoramento da escrita acadêmica.

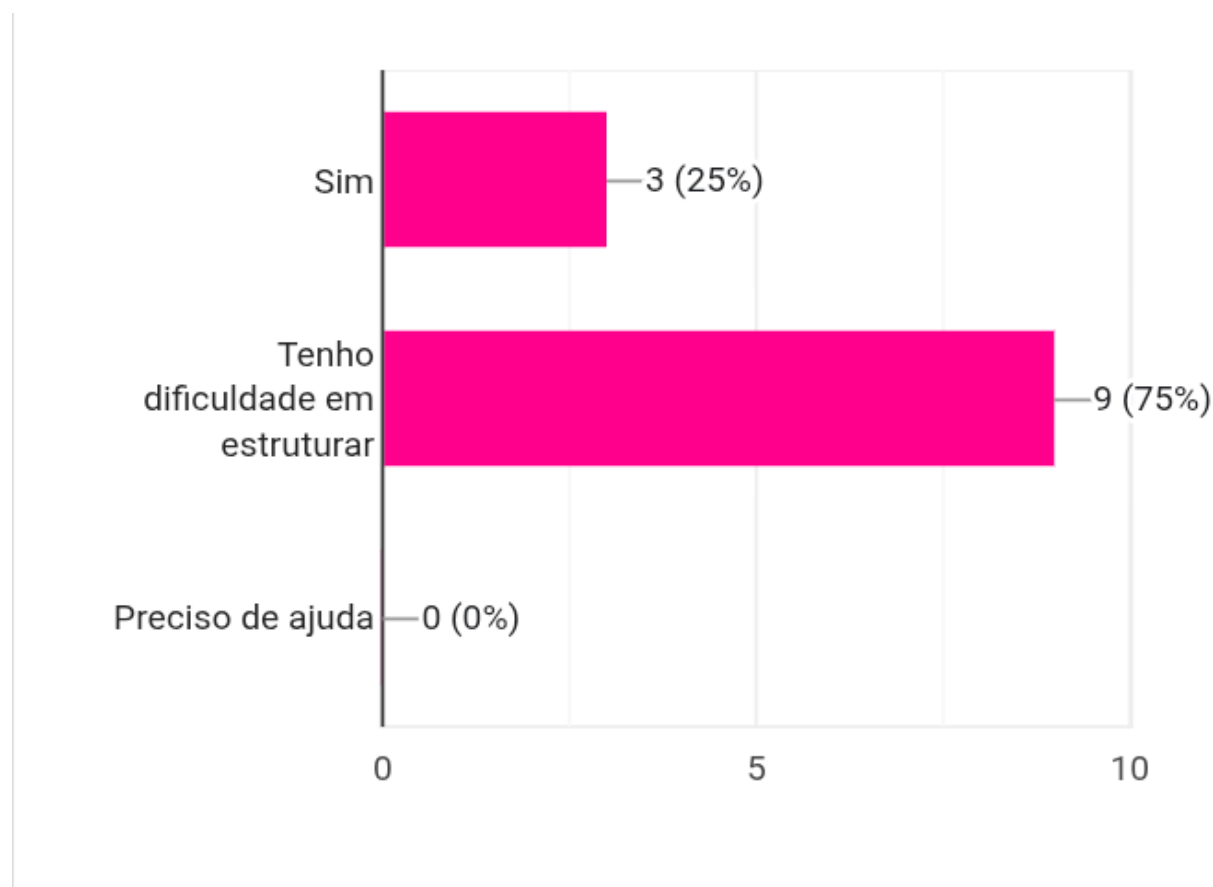


Figura 1

Ao escrever um trabalho, você consegue organizar suas ideias com começo, meio e fim de forma clara?

Esses dados reforçam a discussão proposta por Soares (2003), ao salientar que a dificuldade em transformar habilidades básicas de leitura e escrita em práticas efetivas de produção textual revela a presença de lacunas características do analfabetismo funcional. Além disso, está de acordo com Libâneo (2012), que destaca como as fragilidades da educação básica comprometem o desenvolvimento da autonomia intelectual e das capacidades necessárias para o desempenho acadêmico. Uma das

alternativas para compensar esse déficit está na implementação de estratégias de acompanhamento, como monitorias, para o desenvolvimento da competência escritora.

No segundo questionamento buscou-se compreender se os estudantes conseguem interpretar corretamente o enunciado de uma atividade ou questão, entendendo exatamente o que está sendo solicitado. Os resultados revelaram que a maioria, equivalente a 58,3% dos participantes (n=7), declarou que às vezes fica confusa diante das instruções. Já 16,7% (n=2) afirmaram compreender plenamente o que é solicitado, enquanto 25% (n=3) relataram que geralmente não entendem o enunciado e necessitam de explicações adicionais para realizar a atividade.

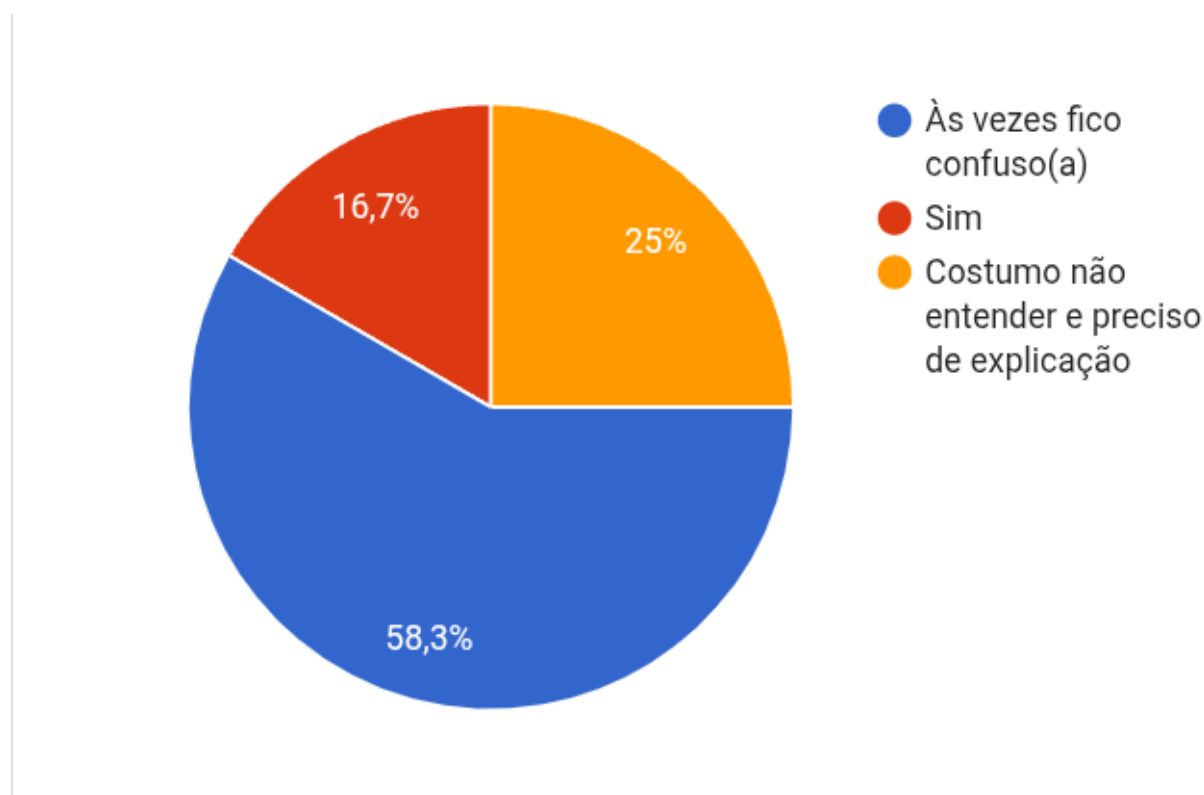


Figura 2

Quando você lê um enunciado de atividade ou questão, entende exatamente o que está sendo pedido?

Esses dados evidenciam que as dificuldades de leitura e interpretação não se restringem à decodificação de palavras, mas estão relacionadas à compreensão do

sentido do texto, aspecto diretamente associado ao que Soares (2003) caracteriza como prática de letramento.

No terceiro questionamento, buscou-se verificar a capacidade dos estudantes de resumir um texto acadêmico, destacando os pontos principais com suas próprias palavras. Constatou-se que apenas 8,3% dos participantes (n=1) afirmaram conseguir realizar essa tarefa de maneira satisfatória. A maioria, correspondente a 83,3% (n=10), declarou que consegue apenas “mais ou menos”, demonstrando insegurança quanto à apropriação do conteúdo e à reelaboração com autonomia. Além disso, 8,3% (n=1) reconheceram não conseguir realizar resumos dessa natureza.

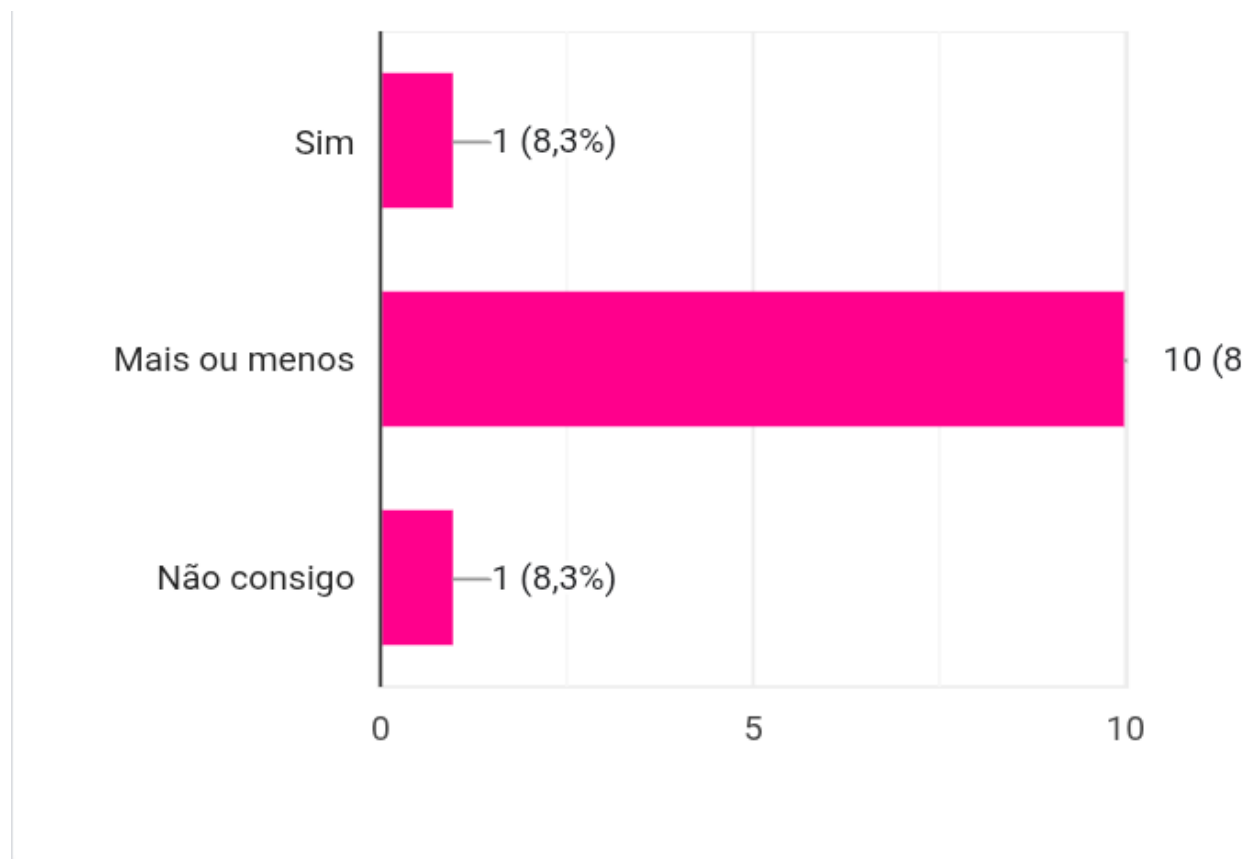


Figura 3

Você consegue resumir um texto acadêmico, destacando os pontos principais com suas próprias palavras?

Esses resultados indicam fragilidades na habilidade de síntese, fundamental no contexto acadêmico, uma vez que envolve tanto a compreensão leitora quanto a produção escrita. Nesse sentido, Libâneo (2012) ressalta que a dificuldade em interpretar e reescrever informações com clareza está entre os reflexos das lacunas da educação básica. Dentre essas lacunas, a priorização de práticas mecânicas, muitas vezes não favorece a construção de competências críticas e reflexivas.

No quarto questionamento, investigou-se se os estudantes se sentem seguros para produzir textos argumentativos ou dissertativos, estruturando-os com introdução, desenvolvimento e conclusão. Os resultados demonstraram que a maioria, equivalente a 83,3% dos participantes (n=10), declarou ter dificuldade em desenvolver suas ideias nesse tipo de produção textual. Apenas 16,7% (n=2) afirmaram sentir-se aptos a elaborar textos argumentativos de forma adequada, enquanto nenhum dos respondentes afirmou não conseguir realizar.

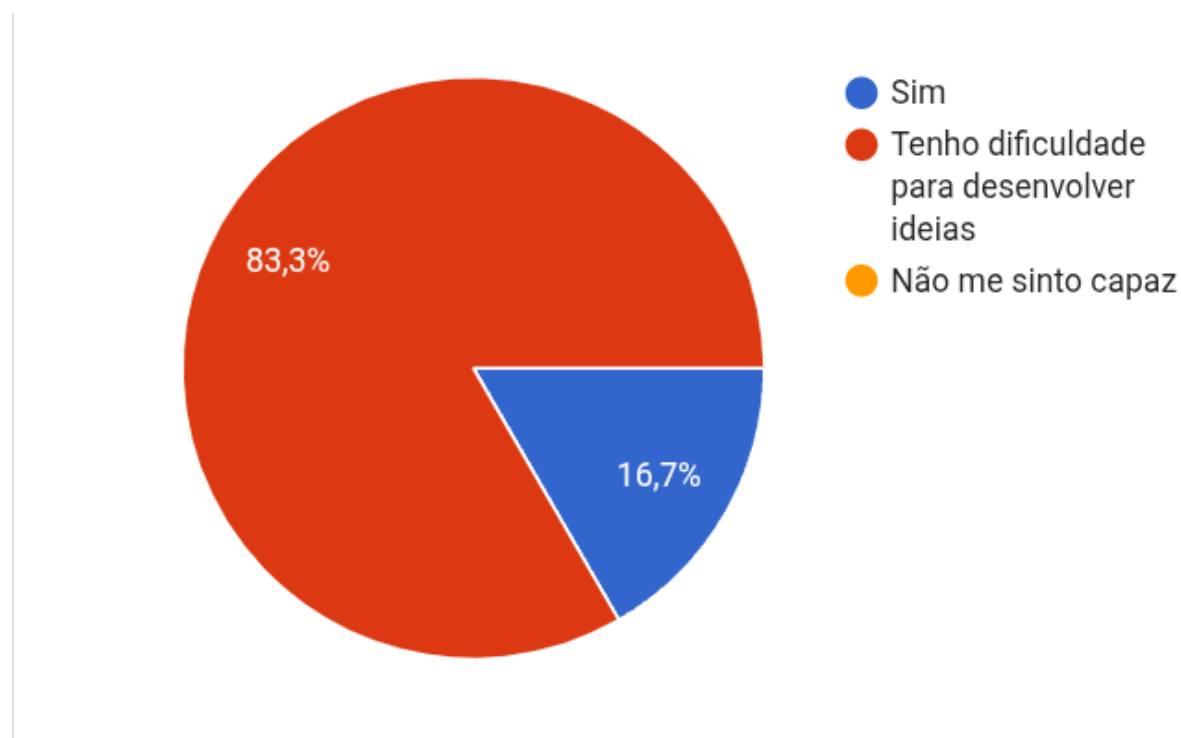


Figura 4

Você se sente seguro(a) para escrever textos argumentativos ou dissertativos, com introdução, desenvolvimento e conclusão?

Tais dados evidenciam que a insegurança em articular argumentos e estruturar textos de caráter dissertativo ainda é uma realidade significativa entre os ingressantes. Conforme Antunes (2003), a escrita acadêmica não se restringe ao domínio da norma culta, exigindo também a capacidade de organizar o raciocínio de modo lógico, coeso e crítico. Tal compreensão reforça a necessidade de estratégias pedagógicas que auxiliem o estudante a superar essas fragilidades e consolidar competências de escrita no ensino superior.

No quinto questionamento, buscou-se investigar a capacidade dos estudantes de compreender artigos científicos ou livros indicados nos componentes curriculares. Os resultados indicaram que apenas 8,3% dos participantes (n=1) afirmaram compreender o material de forma satisfatória. Uma parcela equivalente a 41,7% (n=5) declarou conseguir compreender, porém “com muito esforço”, enquanto 50% (n=6) relataram apresentar dificuldades significativas de interpretação. I

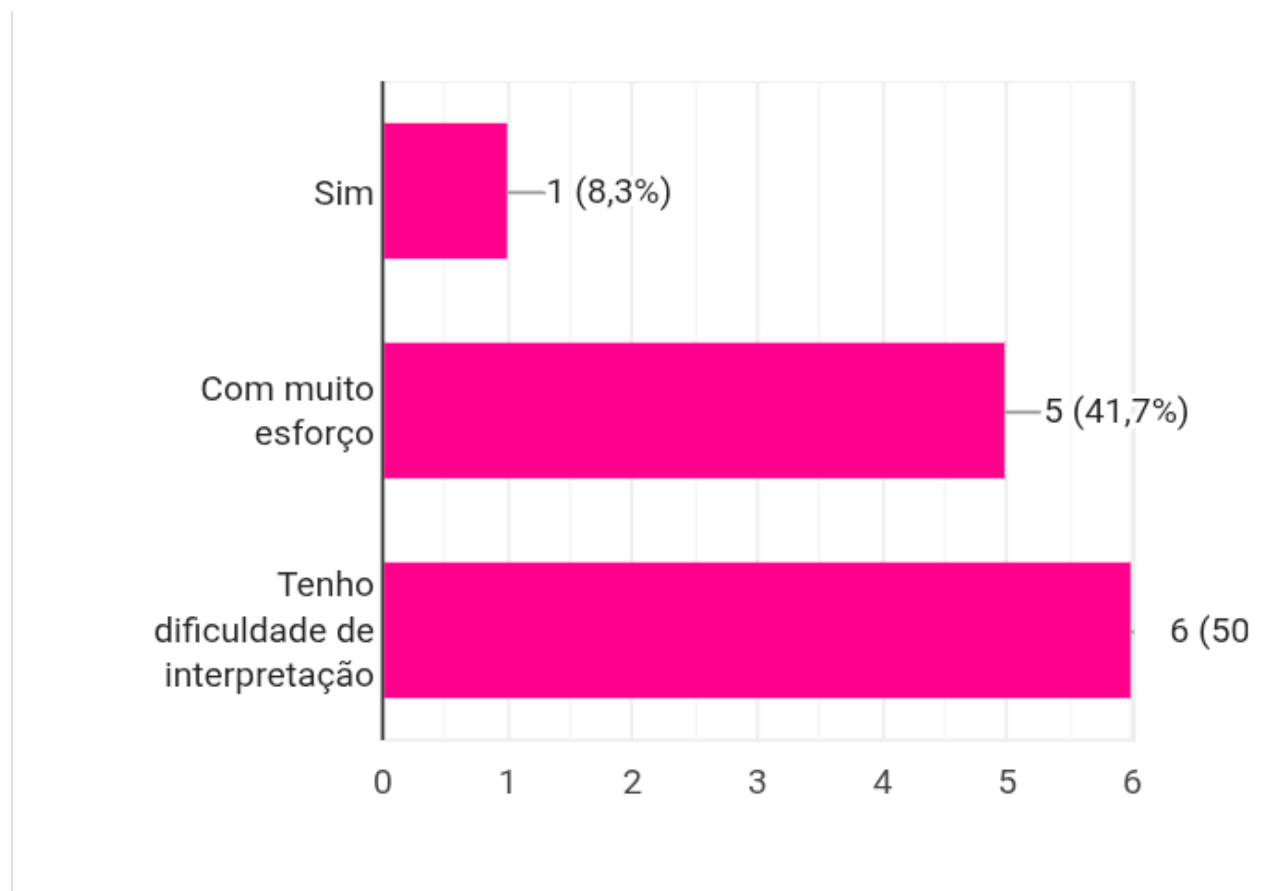


Figura 5

Você compreende bem os artigos científicos ou livros indicados nos componentes curriculares?

Esses dados evidenciam que a compreensão de textos acadêmicos continua sendo um desafio para grande parte dos ingressantes, refletindo lacunas na formação leitora e crítica herdadas da educação básica. Nesse contexto, Soares (2003) enfatiza que o letramento envolve não apenas a decodificação, mas também a interpretação e a aplicação de textos em diferentes contextos. Da mesma forma, Libâneo (2012) destacam que a dificuldade de compreensão textual compromete a autonomia intelectual do aluno e reforça a importância de estratégias pedagógicas. Partindo deste ponto a monitoria e o ensino mediado, auxiliam o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e produção textual.

No sexto questionamento, a questão proposta foi: “Você consegue ler um texto acadêmico e identificar com clareza o objetivo e a ideia principal do autor?”. Os resultados mostraram que apenas 8,3% dos participantes (n=1) afirmaram conseguir identificar com clareza, enquanto outros 8,3% (n=1) declararam que “às vezes” conseguem e 8,3% (n=1) disseram que isso depende do texto. Uma parcela de 25% (n=3) respondeu que compreendem “mais ou menos”. Além disso, 8,3% (n=1) afirmaram que não conseguem, justificando que por isso participam da monitoria, por reconhecerem a necessidade de desenvolver essa habilidade para o curso. Outros 8,3% (n=1) declararam que não conseguem e 8,3% (n=1) responderam que precisam ler várias vezes para compreender. Por fim, mais 8,3% (n=1) apontaram que conseguem identificar os objetivos e ideias do autor com clareza.

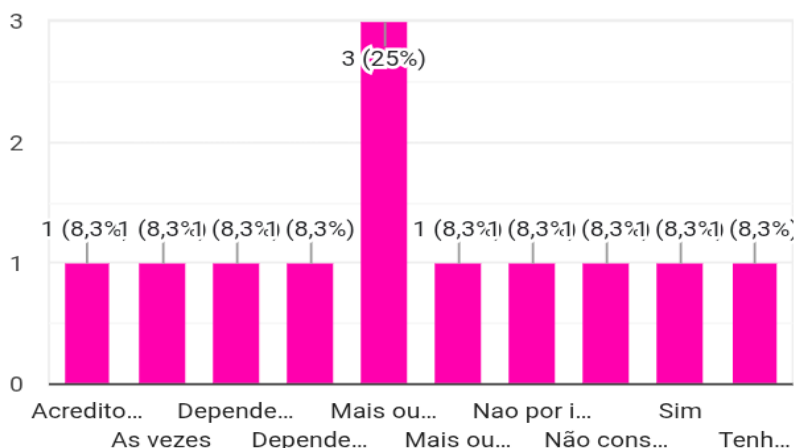


Figura 6

Você consegue ler um texto acadêmico e identificar com clareza o objetivo e a ideia principal do autor ?

Os dados evidenciam que a maioria dos participantes ainda enfrenta dificuldades em identificar com clareza o objetivo e a ideia principal em textos acadêmicos, sendo necessário recorrer a múltiplas leituras ou reconhecendo apenas parcialmente tais elementos. Esse cenário confirma a perspectiva de Soares (2002), para quem a leitura ultrapassa a mera decodificação, exigindo práticas de letramento que possibilitem compreender, interpretar e atribuir sentido ao texto.

O primeiro formulário teve como objetivo identificar a presença do analfabetismo funcional entre os ingressantes do curso de Pedagogia. Após essa identificação, foram realizadas atividades específicas de leitura e escrita, desenvolvidas ao longo de um mês, com a finalidade de amenizar os impactos dessa condição no percurso acadêmico dos estudantes.

Na sequência, aplicou-se um novo questionário, após a realização de 08 encontros de monitoria, enfocando a temática leitura e interpretação de texto tendo como o público alvo, ingressantes do curso de Pedagogia, cursistas do primeiro e segundo semestres. Buscou-se caracterizar as lacunas decorrentes da educação básica e a importância da monitoria como estratégia de apoio para minimizar os déficits identificados. Esse processo confirma a análise de Libâneo (2013), para quem a qualidade da educação básica influencia diretamente o desempenho dos estudantes no

ensino superior, o que torna necessárias intervenções pedagógicas que favoreçam a superação das dificuldades de aprendizagem. Nessa mesma direção, Paro (2011) enfatiza que as deficiências estruturais da educação básica repercutem no desempenho dos alunos em etapas posteriores, exigindo ações educativas de apoio que garantam o direito à aprendizagem e possibilitem a continuidade da formação acadêmica.

No sétimo questionamento foi investigado se os participantes consideravam que a monitoria contribuiu para aprimorar algumas de suas dificuldades e, em caso afirmativo, quais foram elas. Os resultados mostraram que 11,1% igual a (n=1) disse que sim; 11,1% igual a (n=1) disse sim para eu compreender melhor os textos; 11,1% (n=1) disse sim interpretação; 11,1% (n=1) disse sim a interpretação de texto; 33,3% (n=3) disse sim interpretação de texto; 11,1% (n=1) disse sim; e 11,1% (n=1) disse sim na interpretação de texto.

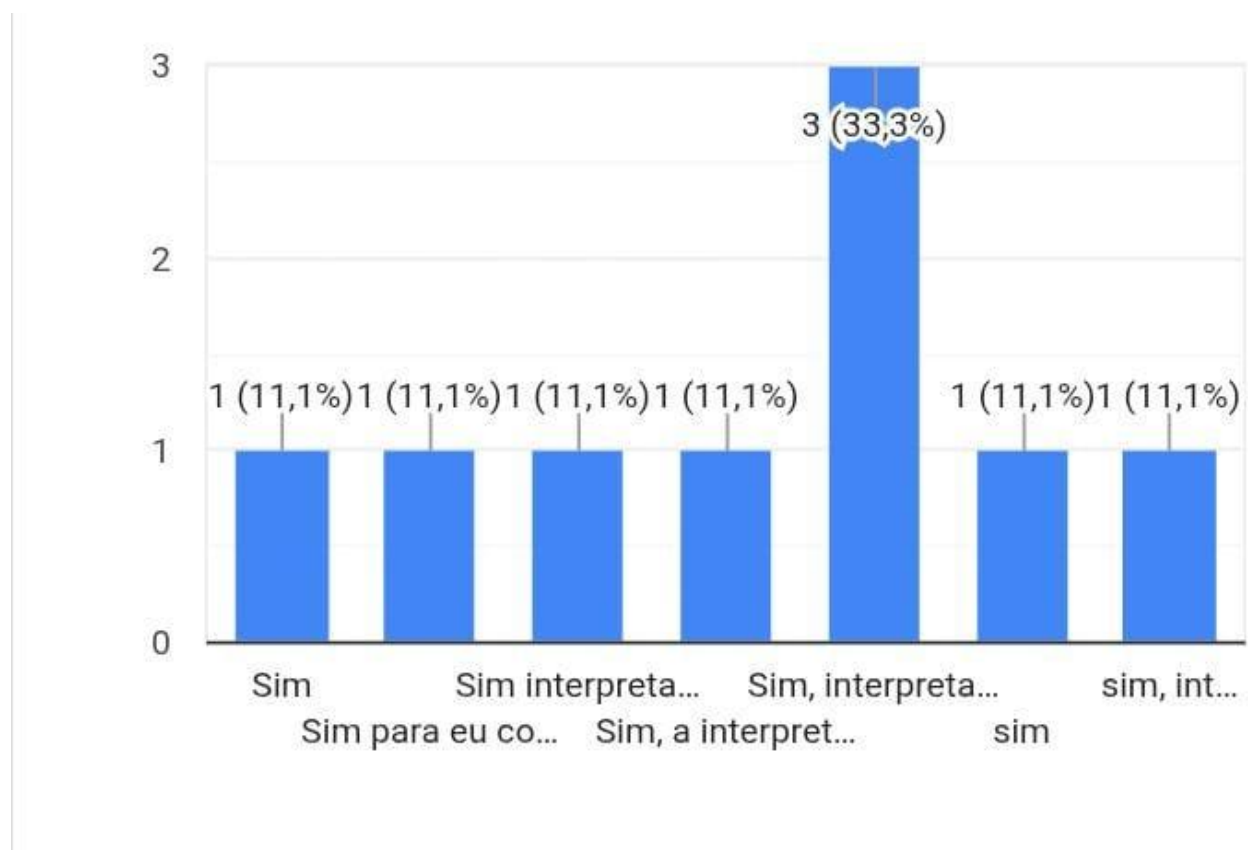


Figura 7

Você considera que a monitoria contribuiu para aprimorar algumas de suas dificuldades? Se sim quais ?

Esses dados demonstram que a monitoria teve um papel importante no processo de aprendizagem dos participantes, principalmente no que diz respeito à interpretação e compreensão textual. De acordo com Libâneo (2012), o acompanhamento pedagógico contínuo é essencial para o desenvolvimento das capacidades cognitivas e linguísticas. O que reforça a relevância das ações de monitoria como estratégia de apoio à formação acadêmica.

No oitavo questionamento foi investigado se, durante a monitoria, os participantes perceberam avanços na sua compreensão de textos. Os resultados indicaram que 88,9% (n=8) disseram que sim, enquanto 11,1% (n=1) disseram talvez.

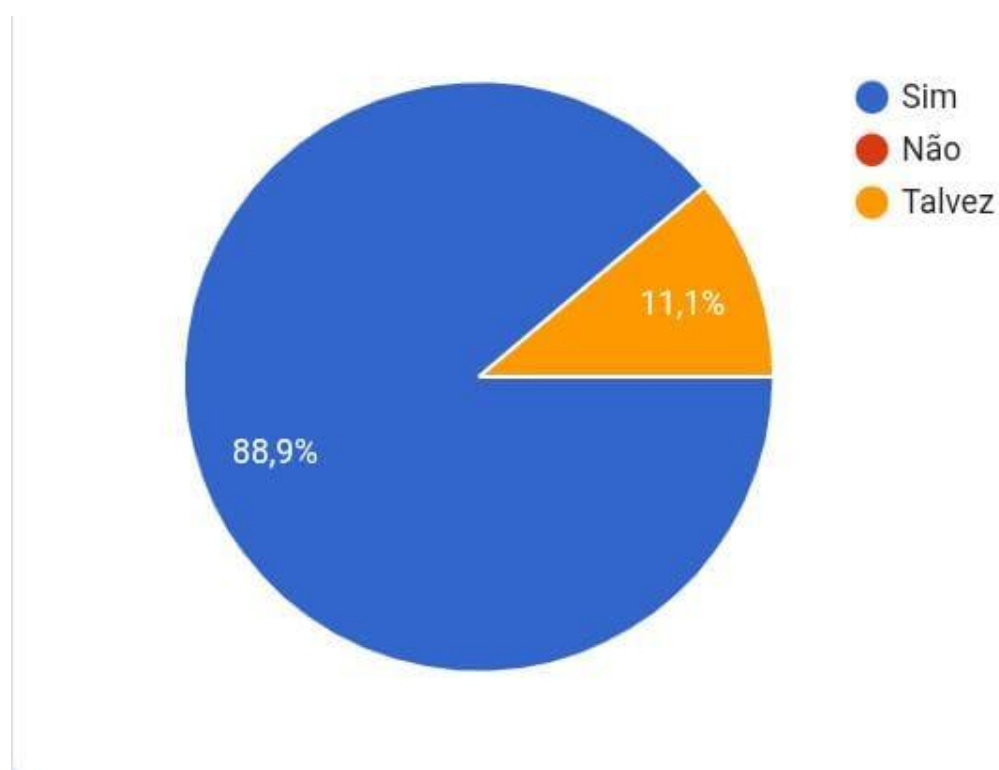


Figura 8

Durante a monitoria, você percebeu avanços na sua compreensão de textos?

Esses dados evidenciam que a maioria dos participantes reconheceu progressos significativos em sua capacidade de compreender textos ao longo do processo de monitoria. Tal resultado reforça a importância de práticas pedagógicas mediadas, que proporcionam ao estudante o desenvolvimento da leitura crítica e reflexiva. Conforme Libâneo (2012) destaca, a aprendizagem é potencializada quando há acompanhamento e orientação, permitindo que o aluno avance gradativamente em suas competências cognitivas e linguísticas.

No nono questionamento foi investigado se, ao concluir a educação básica, os participantes se sentiam preparados para compreender textos e produzir escritos de forma satisfatória. Os resultados demonstraram que 77,8% (n=7) disseram que não, enquanto 22,2% (n=2) disseram talvez.

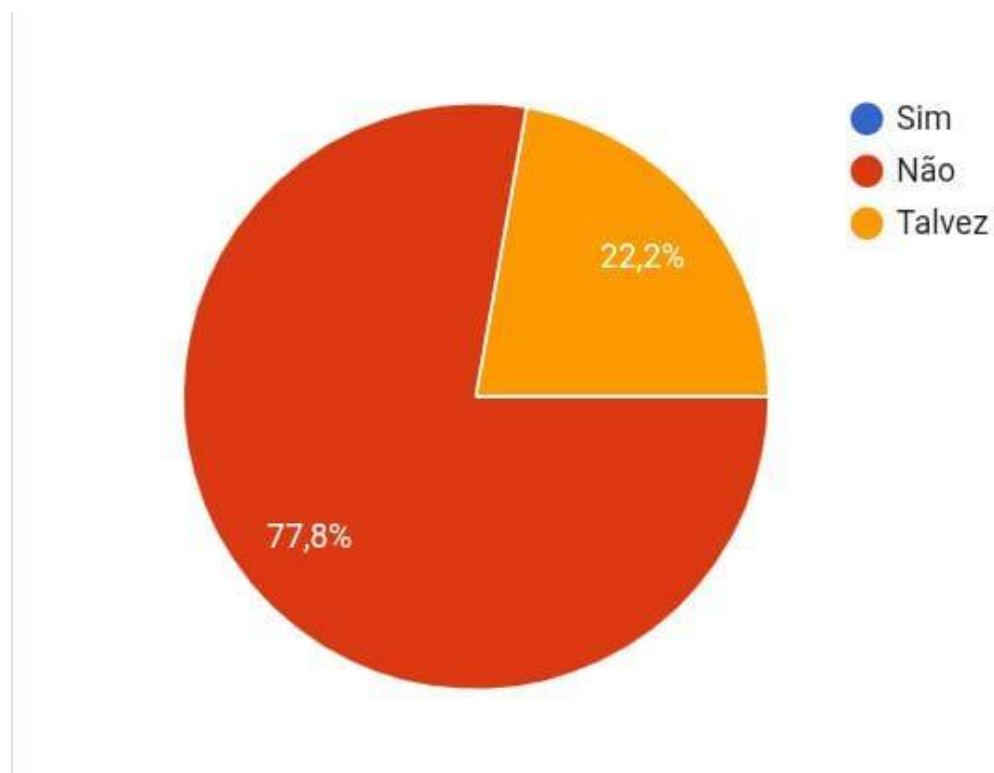


Figura 9

Ao concluir a educação básica, você se sentia preparado(a) para compreender textos e produzir escritos de forma satisfatória?

Esses dados revelam que a maioria dos participantes não se sentia plenamente preparada ao final da educação básica, evidenciando fragilidades no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Essa constatação reforça a análise de que com base no Libâneo (2012), compreende-se que as deficiências estruturais da educação básica comprometem a formação autônoma e crítica dos estudantes, refletindo diretamente no desempenho acadêmico em níveis mais avançados. Segundo as discussões de Soares (2003) entende-se que a ausência de práticas efetivas de letramento na trajetória escolar dificulta o desenvolvimento das competências necessárias para a compreensão e produção textual. Deste modo, perpetuando os efeitos do analfabetismo funcional no ensino superior.

No décimo questionamento foi investigado se os participantes acreditavam que atividades complementares, como a monitoria, são importantes para suprir dificuldades deixadas pela educação básica. Os resultados mostraram que 100%(n=9) disseram que sim.

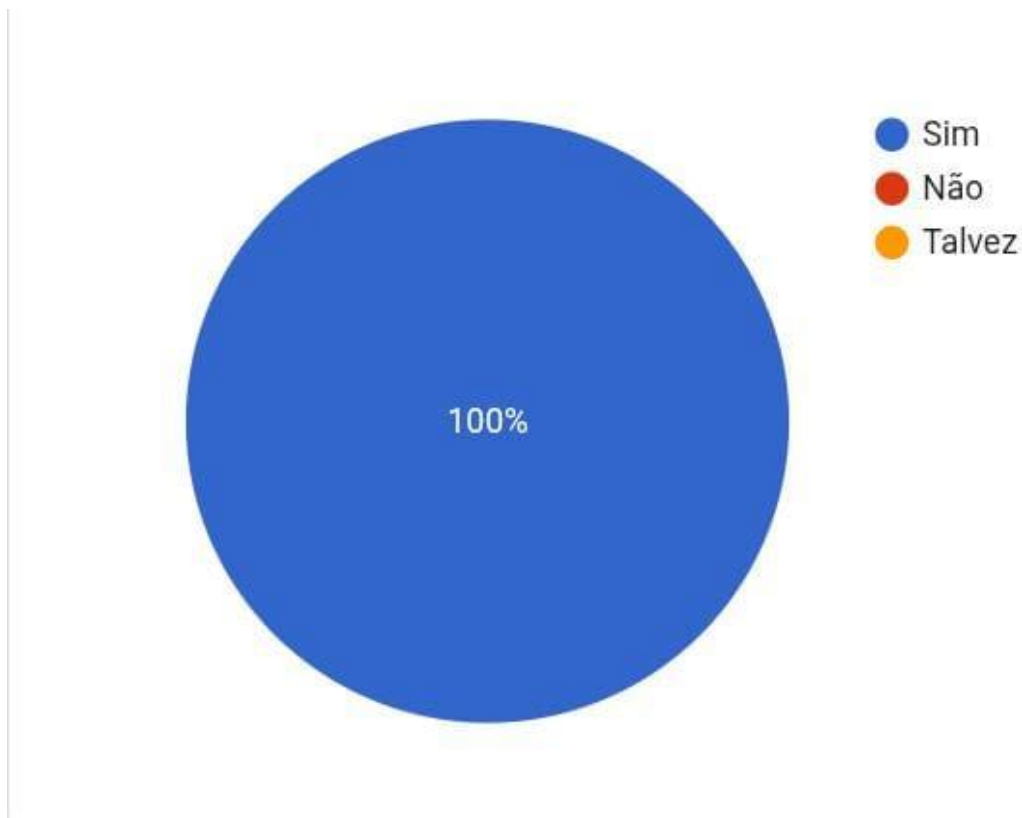


Figura 10

Você acredita que atividades complementares como a monitoria, são importantes para suprir dificuldades deixadas pela educação básica?

Esses dados evidenciam que todos os participantes reconheceram a relevância das ações complementares no processo de aprendizagem, especialmente no fortalecimento das habilidades de leitura e escrita. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um processo de intervenção no mundo, em que o estudante é ativo na construção do conhecimento. Tal qual a monitoria possibilitam esse conhecimento. Da no mesmo pensamento “Moran (2015) destaca que seus processos de mediação pedagógica, quando bem planejados, ampliam a autonomia do estudante, fortalecem suas competências comunicativas e favorecem aprendizagens mais significativas.”

No décimo primeiro questionamento foi investigado, de modo geral, como os participantes avaliavam a experiência da monitoria. Os resultados indicaram que 100%

(n=9) disseram que a experiência foi boa.

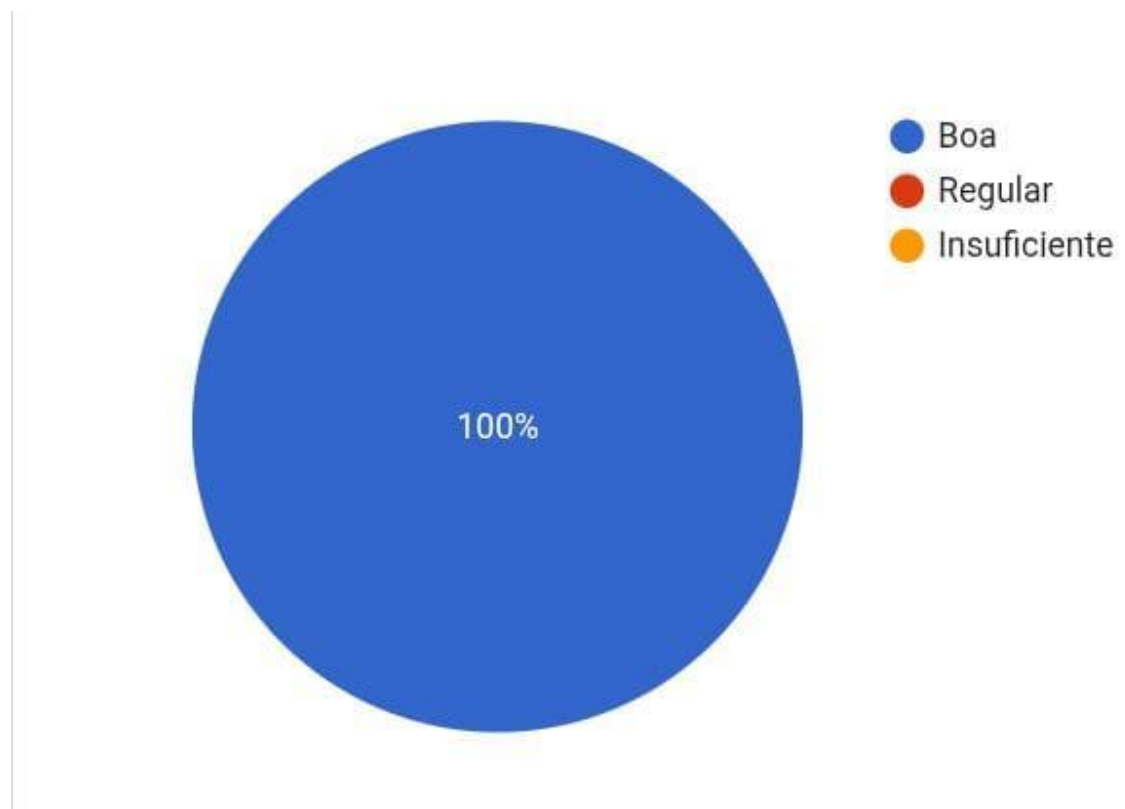


Figura 11

De modo geral, como você avalia a experiência da monitoria?

Esses dados evidenciam que todos os participantes tiveram uma percepção positiva em relação à monitoria, reconhecendo sua importância para o aprendizado e para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Segundo Vygotsky (1991), o aprendizado se potencializa quando o estudante participa de práticas mediadas socialmente, que permitem a construção conjunta do conhecimento. Além disso, Ausubel (2003) destaca que atividades que conectam novos conteúdos com conhecimentos prévios favorecem a assimilação e a retenção do aprendizado. Entende-se que promove maior segurança na leitura, interpretação e produção textual.

A análise dos formulários permitiu identificar a presença de traços de analfabetismo funcional no ensino superior, bem como as diferenças e obstáculos

enfrentados pelos estudantes em relação à compreensão e produção textual. Esses resultados evidenciam que, embora os alunos possuam habilidades básicas de leitura e escrita, muitos apresentam dificuldades em interpretar textos, organizar ideias e desenvolver raciocínios críticos, aspectos característicos do analfabetismo funcional (Soares, 2003).

Além disso, a análise mostrou que ações de intervenção, como a monitoria, contribuíram de maneira significativa para a redução dessas lacunas, oferecendo suporte pedagógico e promovendo o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras dos participantes. Tais intervenções refletem diretamente sobre as fragilidades da educação básica, que, quando insuficiente, compromete a autonomia e a preparação dos estudantes para os desafios acadêmicos do ensino superior (Libâneo, 2012; Vygotsky, 1991).

Nesse sentido, a monitoria se apresentou como uma estratégia pertinente de mediação pedagógica, permitindo que os estudantes avancem em suas capacidades cognitivas e linguísticas, fortalecendo a compreensão e a produção textual, essenciais para o sucesso acadêmico (Freire, 1996; Moran, 2015).

5. Considerações Finais

A motivação para a realização deste estudo originou-se a partir de observações conduzidas ao longo da graduação, nas quais foi possível identificar a dificuldade de diversos discentes em interpretar e compreender as atividades propostas. Essas constatações instigaram o interesse em investigar de forma mais aprofundada as possíveis causas desse desafio, frequentemente associado às lacunas deixadas pela educação básica e que se manifesta no ensino superior, comprometendo o desenvolvimento acadêmico e o pensamento crítico dos estudantes.

A fim de responder a essa indagação, a pesquisa teve como objetivo analisar como o analfabetismo funcional se revela no ensino superior, entendendo-o como

consequência das falhas na formação escolar prévia. Os dados coletados e examinados revelaram a existência de obstáculos relevantes relacionados à compreensão textual e à produção escrita entre os discentes observados.

A presente pesquisa baseou-se na hipótese de que o analfabetismo funcional no ensino superior resulta diretamente das falhas da educação básica, a qual, em muitos casos, restringe-se à alfabetização mecânica, sem fomentar o letramento crítico e reflexivo.

Pela análise dos dados coletados obtidos a partir da monitoria, foi possível verificar que essa hipótese se confirmou, demonstrando que a ausência de práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da leitura crítica e da interpretação textual contribui para a permanência do analfabetismo funcional mesmo em níveis mais avançados de escolarização.

Esse trabalho é de grande importância para a área da educação, uma vez que evidencia a necessidade de repensar as práticas formativas tanto na educação básica quanto no ensino superior, de modo a fortalecer o letramento e a autonomia intelectual dos estudantes.

Assim, é possível concluir, frente às limitações encontradas, que é necessário que as instituições de ensino invistam em metodologias que estimulem a leitura crítica, o debate e a produção textual, para que a formação acadêmica e cidadã se torne mais significativa e transformadora.

Por fim, ressalta-se que este estudo pode servir como base para investigações futuras que não apenas aprofundem o debate sobre o analfabetismo funcional, suas causas e estratégias de superação, mas também explorem intervenções pedagógicas eficazes e políticas educacionais inclusivas. Dessa forma, Espera-se que os resultados obtidos contribuam para reflexões relevantes acerca das práticas pedagógicas no ensino superior, especialmente no que se refere ao enfrentamento do analfabetismo funcional, fornecendo subsídios para a melhoria da formação docente e para a promoção de uma educação universitária de maior qualidade, equidade e eficácia social.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AUSUBEL, David P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. São Paulo: Editora de Psicologia, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 30 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833, 23 dez. 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

G1. **Pesquisa do IBGE** revela o tamanho da desigualdade que a educação brasileira ainda enfrenta | Jornal Nacional. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 30 maio 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO UNIBANCO. **Aprendizagem em foco**. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/40/>. Acesso em: 30 maio 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2015.

PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício de poder**: crítica ao senso comum em educação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Apêndices (se houver)



Monitoria que inspira!

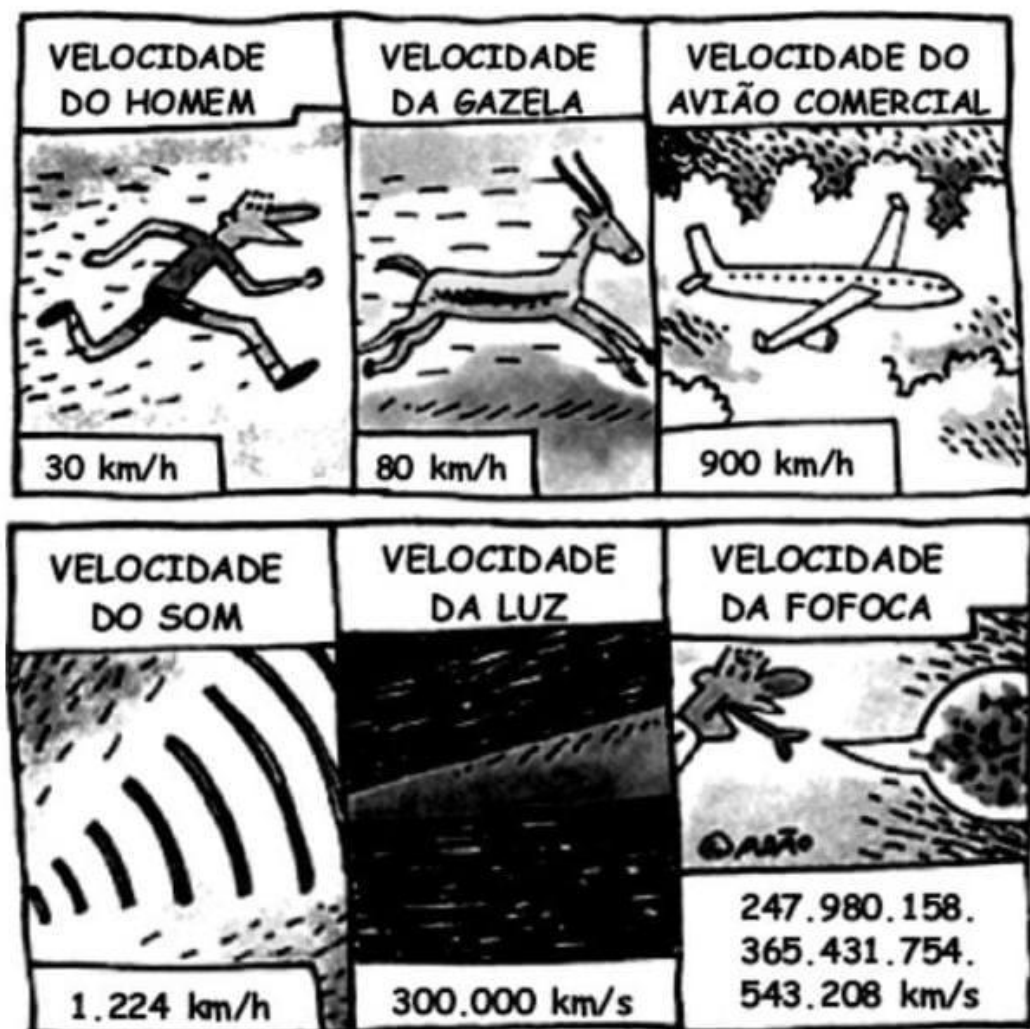


Anexos (se houer)

ENEM/2019

A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de linguistas que estão desenterrando as raízes do português brasileiro ao examinar cartas pessoais e administrativas, testamentos, relatos de viagens, processos judiciais, cartas de leitores e anúncios de jornais desde o século XVI, coletados em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. No acervo de documentos que servem para estudos sobre o português paulista está uma carta de 1807, escrita pelo soldado Manoel Coelho, que teria seduzido a filha de um fazendeiro. Quando soube, o pai da moça, enfurecido, forçou o rapaz a se casar com ela. O soldado, porém, bateu o pé: “Nem por bem, nem por mal”, não se casaria. Um linguista pesquisador estranhou a citação, já que o fato se passava na Vila de São Paulo, mas depois percebeu: “Ele quis dizer ‘nem por

Enem 2018



Os quadrinhos que compõem a tirinha são

A) dissertativos, pois o leitor recebe informações precisas sobre a velocidade dos seres apresentados.

B) descritivos, visto que há uma sequência de ações que leva as personagens a uma interação mútua.

ENEM/2019

A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de linguistas que estão desenterrando as raízes do português brasileiro ao examinar cartas pessoais e administrativas, testamentos, relatos de viagens, processos judiciais, cartas de leitores e anúncios de jornais desde o século XVI, coletados em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. No acervo de documentos que servem para estudos sobre o português paulista está uma carta de 1807, escrita pelo soldado Manoel Coelho, que teria seduzido a filha de um fazendeiro. Quando soube, o pai da moça, enfurecido, forçou o rapaz a se casar com ela. O soldado, porém, bateu o pé: “Nem por bem, nem por mal!”, não se casaria. Um linguista pesquisador estranhou a citação, já que o fato se passava na Vila de São Paulo, mas depois percebeu: “Ele quis dizer ‘nem por

Questão do Enem 2019

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Mas Assum Preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió

Furaro os óio do Assum Preto
Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum Preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá

Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá

Gênero Narrativo: O texto narrativo tem como objetivo contar uma história, apresentando personagens, tempo, espaço e sequência de acontecimentos. Pode ser real ou fictício e utiliza a narrativa em primeira ou terceira pessoa. Exemplos: contos, fábulas, crônicas, romances. O foco está no enredo e na experiência vivida pelos personagens.

Gênero Descritivo: O texto descritivo tem como objetivo representar detalhadamente pessoas, lugares, objetos ou cenas, focando nas características sensoriais: visão, tato, audição, olfato e paladar. Geralmente, não há enredo ou ação significativa, mas sim a observação minuciosa. Ex.: poemas, descrições em crônicas, relatórios de observação.

Gênero Dissertativo/Argumentativo: O texto dissertativo/argumentativo tem como objetivo convencer ou persuadir o leitor por meio de argumentos, exemplos e fatos, abordando um tema específico. Ele apresenta tese, argumentos e conclusão, podendo usar recursos lógicos e retóricos. Exemplos: artigos de opinião, ensaios, editoriais.